Dia 12 — São João Gualberto, Fundador da Ordem de Vallombrosa

Nasceu em Florença, cidade da Itália, de família ilustre por sua antiga e qualificada nobreza. Criaram-no seus pais na religião cristã, mas não com o maior cuidado de que fossem muito cristãos seus costumes. Embebido inteiramente seu pai no espírito do mundo, encheu-se de complacência quando descobriu em seu filho inclinações marciais e mundanas e pôs sua maior atenção em fomentar-lhas.

As contínuas lições que lhe dava se reduziam a que não sofresse jamais que lhe perdessem o respeito, e muito menos que o ultrajassem; e que, se tinha honra, devia prontamente lavar a injúria no sangue de seus inimigos. A doutrina não podia ser mais contrária à de Jesus Cristo; mas se acomodava muito ao gênio de Gualberto, naturalmente feroz e soberbo, com o que se lhe imprimiu altamente no coração. Fez-se muito delicado no que se chama pundonor, sendo a vingança sua paixão dominante. Irritou-a mais uma querela que ocorreu na família. Certo parente seu foi morto por um cavalheiro do país; jurou a morte do assassino o pai de Gualberto; e, como tinha tão conhecido o gênio fogoso de seu filho, inclinado naturalmente à vingança, incitou-o a perseguir o inimigo até vingar a morte de seu primo com o sangue daquele cavalheiro.

Achou-o tão dócil ao bárbaro conselho que nenhum filho foi mais obediente. Como o preceito se acomodava tanto a sua paixão, ansiava para que fosse executiva a obediência, ardendo em vivos desejos de satisfazer quanto antes a seu pai e a sua vingança. Tardou pouco em apresentar-se-lhe a ocasião; porque, voltando um dia do campo, permitiu Deus que improvisamente se encontrasse com seu inimigo numa paragem tão estreita que não era possível nem a um nem a outro retirar-se. Arrebatado João de cólera, lançou prontamente mão à espada e, dizendo ao inimigo que ali mesmo havia de expiar com seu traiçoeiro sangue a morte de seu parente, ia já a traspassá-lo de parte a parte quando o cavalheiro, que se achava desarmado, saltou ligeiramente em terra; pôs-se de joelhos aos pés de João e, com as mãos cruzadas, falou-lhe desta maneira: «Peço-te que me perdoes e que me deixes a vida por amor de nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por ti e por mim numa cruz numa sexta-feira como hoje.» A postura do suplicante, a circunstância do dia e o nome de Jesus Cristo gelaram a cólera de João; deteve-se um pouco e, oferecendo-se-lhe vivamente à consideração que o Salvador do mundo, estando na cruz, perdoou a seus inimigos e intercedeu por eles a seu Eterno Pai, voltou a espada à bainha, estendeu a mão ao cavalheiro, levantou-o e disse-lhe: «Nada posso negar ao nome de meu Senhor Jesus Cristo. Concedo-te a vida e minha amizade; roga ao mesmo Senhor que me perdoe.» E, abraçando-se estreitamente os dois,

separaram-se.

A uma ação tão cristã como generosa seguiu-se imediatamente certo movimento de devoção na alma; e, encontrando a poucos passos o mosteiro de São Miniato, entrou na igreja; ajoelhou-se diante de um devoto crucifixo e, quando pedia a Deus, desfeito em lágrimas, que tivesse misericórdia dele, viu que o crucifixo lhe inclinava a cabeça para significar-lhe com aquela sensível demonstração quão grata lhe havia sido a ação que acabava de executar. Ficou atônito nosso João à vista de tão assinalado favor, cuja memória se conserva até hoje no mesmo crucifixo, que venera ternamente a devoção na igreja de São Miniato; e, acabando a graça de aperfeiçoar sua conquista, inspirou-lhe um desejo tão ardente de amar a seu Deus que resolveu não servir daí em diante a outro dono. Acabou sua oração, montou a cavalo e tomou o caminho de Florença; mas, solicitado poderosamente pela graça, mandou aos criados que se fossem diretamente para casa, e ele voltou ao mosteiro; buscou o abade e, arrojando-se a seus pés, pediu-lhe o hábito de monge. Surpreendeu o abade tão inesperada vocação; e, como o conhecia muito bem, não queria recebê-lo; mas João rogou e instou tanto que, depois de lhe ter representado o abade a vida tão austera e penitente da religião, permitiu-lhe que ficasse dentro do mosteiro.

Mal havia entrado quando chegou também seu pai, informado já de seu intento; pede com ferocidade que lhe entreguem logo seu filho; e, lançando centelhas pelos olhos e espuma pela boca, jura que, se não lho entregam no ponto, porá fogo ao convento. Atemorizaram suas ameaças a todos os monges, mas não a nosso santo, o qual, vendo que ninguém se atrevia a dar-lhe o hábito, arrebata um que encontra de um monge, desce ao coro, põe-no sobre o altar, ele mesmo corta o cabelo e, em presença de todos os religiosos, lança sobre as costas a cogula. Admiraram com lágrimas todos os concorrentes tão generosa resolução, e até a obstinação de seu pai se deu por vencida à vista de uma vocação tão assinalada. Desfazendo-se em pranto, lançou-lhe os braços ao pescoço, exortando-o à perseverança e a sustentar com seu fervor o empenho de um passo tão generoso.

Não se desmentiu nosso noviço; correspondeu perfeitamente seu fervor a sua resolução, e em pouco tempo puderam satisfazer os rigores de sua penitência pelas desordens de sua juventude. Era a vida dos monges de São Miniato cópia fiel dos primitivos monges de São Bento; florescia a santa regra em todo o seu vigor, e em breves dias foi nosso João um acabado modelo dela. Logo que vestiu a cogula, mostrou-se o mais humilde, o mais obediente, o mais pontual e o mais devoto de todos. Não se contentava com reputar-se o último dos monges; queria que todos o reputassem e o tratassem como tal. Sua penitência espantava os mais mortificados; mas sua caridade, sua doçura e sua igualdade de ânimo faziam amável sua penitência. Enfim, adiantou-se tanto no caminho da perfeição que desde os primeiros anos de sua profissão foi a admiração dos mais perfeitos.

Assim vivia nosso Gualberto em sua amada solidão quando a morte do abade interrompeu sua quietude. Nada houve que deliberar na eleição; por mais que se escusou, por mais que se opôs, por mais que protestou, foi nomeado por unânime consentimento. Como era tão de coração sua resistência, nem por isso cedeu; antes perseverou constantemente em renunciar ao emprego, considerando-se indigno de exercê-lo. Isto deu ocasião a que se apoderasse dele outro monge, que não era tão escrupuloso nem tão delicado de consciência; mas foram tantas as inquietações e as

turbulências que excitou na casa que por fim se viu obrigado Gualberto a mudar de mosteiro. Acompanhado de alguns monges mais fervorosos, retirou-se a princípio a Camáldoli, lugar a esse tempo muito famoso pela multidão dos santos anacoretas que viviam nele sob a regra de São Romualdo. Ali teria fixado seu destino, e todos desejavam muito que o fizesse; mas sentia-se mais movido à vida cenobítica que à solitária; e assim se encaminhou a outro retiro chamado Vallombrosa, por ser um vale muito sombrio, todo coberto de álamos, a meia jornada de Florença, onde encontrou dois solitários, aos quais se juntou com seus companheiros. Estendeu-se em pouco tempo sua reputação por aqueles contornos; concorriam de todas as partes a ver o servo de Deus e em poucos dias viu-se mestre de muitos discípulos, aos quais fazia observar com todo o rigor a regra de São Bento, indo ele adiante com o exemplo.

Logrou da abadessa de Santo Hilário que lhes fizesse doação do sítio que ocupavam e edificou nele um mosteiro de terra e de madeira, cuja igreja ou capela foi consagrar o bispo de Paderborn, que havia seguido o imperador Henrique III em sua viagem à Itália. Tal foi a origem daquela ilustre congregação, que aprovou o papa Alexandre II no ano de 1070; e, estendida por toda a Itália, em muito pouco tempo ilustrou a Igreja de Deus com o esplendor de suas raras virtudes e a edifica hoje com seus grandes exemplos.

Crescia entretanto a nova comunidade, aumentando-se cada dia o número de seus indivíduos, e era preciso nomear cabeça que a governasse. Conspiraram todos os votos em favor de São Gualberto, que não só se negou com teima, mas por algum tempo esteve duvidoso se se retiraria; mas, temendo que se desfizesse aquela congregação que ele mesmo havia fundado e que considerava como obra do Senhor, sujeitou-se ao sacrifício e, aceitando o emprego, ao cabo de poucos dias o mosteiro de Vallombrosa foi um verdadeiro retrato do mosteiro de Monte Cassino.

Desde logo floresceu nele com todo o rigor o primitivo espírito da religião de São Bento; retiro, silêncio, desprendimento de tudo o terreno, oração quase contínua, vigílias, jejuns, abstinências, penitências corporais, tudo pregava e tudo edificava naqueles novos monges, e era o abade como a alma daqueles grandes exemplos. Nada mandava aos demais que não o tivesse executado ele primeiro; e costumava-se dizer que para distinguir o abade entre os outros monges não era preciso mais que observar quem era o mais mortificado e o mais humilde entre todos eles. A esta única distinção e preeminência aspirava Gualberto.

O prodigioso número de discípulos que se lhe agregaram o obrigou a pensar na fundação de novos mosteiros, para a qual solicitavam contribuir com piedosa competência os potentados da Itália. Fundou o de São Salvi, o de Moscheta, o de Razzuolo e o de Monte Scalari; reformou alguns dos antigos, introduzindo neles a observância de Vallombrosa, e antes de morrer teve o consolo de ver ressuscitado o primitivo espírito dos mosteiros de São Bento em dez ou doze de suas casas. Era austerísimo consigo mesmo, mas dulcíssimo e suavíssimo com os demais; e esta mesma suavidade e doçura obrigava os monges a ser mais mortificados.

Afora os religiosos de missa, que guardavam estreita clausura, recebia outros para leigos ou para irmãos conversos, isto é, para a classe daqueles que, convertidos a Deus, serviam diferentes ofícios da casa sem receber nunca as sagradas ordens. Os tais se ocupavam nos ministérios exteriores e temporais, pelo que estavam dispensados da clausura e do silêncio; seu hábito se

distinguia em algo do dos outros monges, e não se lhes obrigava a tanta austeridade; sendo este o primeiro exemplar que se encontra na história eclesiástica de religiosos leigos diferentes dos destinados ao coro.

Velava continuamente sobre tudo o que podia fomentar ou diminuir o espírito da observância. Foi visitar o mosteiro de Moscheta e achou que o novo abade Rodolfo havia feito um edifício cuja magnificência desdizia da simplicidade e modéstia religiosa; desgostou-se tanto que deu ao abade uma severa repreensão, dizendo-lhe que as somas de dinheiro que havia gasto em levantar aquele monumento de sua vaidade estariam melhor empregadas em sustentar a muitos pobres. Suplicou fervorosamente a Deus que não permitisse que se conservasse em pé aquele edifício tão pouco ajustado ao espírito da regra; e apenas saiu dele quando um regato que corria perto do mosteiro cresceu tanto que o inundou e o lançou inteiramente por terra. O amor e a caridade com os pobres igualava ao amor que professava ele mesmo à santa pobreza. Não queria que se negasse esmola a ninguém; e ao mesmo tempo que não admitia mais que o precisamente necessário para seus mosteiros, repartia entre os pobres o que estava destinado para a comunidade. Mais de uma vez deixou vazios os celeiros e mandou matar os rebanhos para socorrer as necessidades em tempo de carestia.

Acompanhavam estas virtudes os mais milagrosos dons sobrenaturais. Penetrava o interior dos corações; tremiam os demônios ao ouvir o nome de Gualberto; só com fazer oração o servo de Deus, saravam os enfermos mais desenganados. Um cavalheiro amigo seu despachou-lhe um próprio com a notícia de que se achava gravemente enfermo: «Vai, irmão meu — disse o santo ao criado —, volta para casa, e encontrarás são e bom o que deixaste moribundo.» Assim sucedeu.

Por sua grande santidade, fez-se venerar até dos sumos pontífices. Leão IX fez expressamente uma viagem a Passignano só por vê-lo e quis que comesse com ele. Estêvão IX o mandou chamar, não obstante achar-se o santo enfermo a esse tempo. Alexandre II lhe professou singular veneração e dizia publicamente que a Igreja devia a Gualberto a quase total extinção da simonia em todo aquele país. Efetivamente fez o santo abade contínua e vigorosa guerra a este vício, perseguiu-o seu zelo sem dar-lhe quartel nem tréguas, e mais de uma vez o autorizou o céu com estupendas maravilhas. Valeu-se Pedro de Pavia de quantas violências pôde contra o santo e contra seus monges para intimidá-los e para perdê-los; mas foi em vão: Gualberto o convenceu de simonia e de heresia, oferecendo-se um de seus monges à prova do fogo para justificar a acusação. Admitiu-se-lhe e passeou muito devagar, sem receber lesão alguma, por uma dilatada fogueira à vista de toda a cidade de Florença.

Não sobreviveu o servo de Deus muito tempo a este milagroso sucesso. Consumido pelo rigor das penitências e de suas apostólicas fadigas, caiu enfermo em Passignano. Conhecendo que se aproximava seu fim, mandou chamar todos os abades e superiores da ordem e os exortou à caridade, à exatidão, ao fervor e à pontual observância da regra. Recebeu depois os sacramentos da Igreja com tanta devoção e ternura que arrancou lágrimas a todos os assistentes; e, feita em sua presença a profissão da fé, rendeu tranquilamente o espírito nas mãos de seu Criador no dia 12 de julho do ano 1073, aos 74 de sua idade e aos 22 depois de ter estabelecido sua reforma. Desde logo se fez glorioso seu sepulcro pelos muitos milagres que obrou Deus por sua intercessão; o que moveu o papa Celestino III, precedendo as informações jurídicas de suas virtudes e milagres,

a pô-lo no catálogo dos santos no ano 1193.

Martirológio Romano

Em Milão, os santos mártires Nabor e Félix, que sofreram a morte na perseguição de Maximiano.

No mosteiro de Passignano, perto de Florença, São João Gualberto, abade, instituidor da ordem de Vallombrosa.

Na ilha de Chipre, São Jasão, antigo discípulo de Jesus Cristo.

Em Aquileia, a festa de São Hermágoras, discípulo de São Marcos evangelista e primeiro bispo daquela cidade, o qual, em recompensa das curas milagrosas e do zelo de sua pregação para converter os povos, padeceu muitos tormentos até perder a cabeça com seu diácono Fortunato, subindo ambos a ser coroados na glória eterna.

Em Lucca, na Toscana, São Paulo, que, tendo sido sagrado por São Pedro primeiro bispo daquela cidade, foi morto ao pé do monte Pisano, com outros companheiros, depois de ter padecido muitos tormentos.

No mesmo dia, a morte de São Proclo e de São Hilarião, os quais por meio de cruelíssimos tormentos conseguiram a palma do martírio sob o imperador Diocleciano e o presidente Tertilo.

Em Toledo, Santa Marciana, virgem e mártir, que alcançou a coroa depois de ter sido exposta às feras e despedaçada por um touro, mantendo-se constante na fé de Jesus Cristo.

Em Lyon, São Viventíolo, bispo.

Em Bolonha, São Paterniano, bispo.

Perto de Fouesnant, na França, diocese de Quimper, São Balley, monge, discípulo de São Gaingolois.

Em Celles, no Berry, São Gouffin, monge, cujo corpo está em Saint-Isis.

Junto a Souvigny, no Bourbonnais, São Menio. Em Prüm, nas Ardenas, Santo Ansbodo, abade de Saint-Hubert.

Em Clismo, no Egito, Santo Atanateo, bispo daquela cidade.

Entre os gregos, os santos mártires André, o Estratiota, Fausto e Minas.

Em Cesareia, São Dio.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Joannis abbatis commendet; ut quod nostris non valemus meritis, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos torne recomendáveis a intercessão do bem-aventurado abade Gualberto, para que consigamos por sua proteção o que não podemos por nossos merecimentos. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do livro da Sabedoria (do Eclesiástico).

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Nota

«Mostra-nos o mesmo Jesus, filho de Sirac, quanto estudou; fala como profeta e como inspirado, e nos adverte que foi o último dos hebreus que escreveu sentenças e documentos.»

Reflexões

Fê-lo santo por sua fé e por sua aprazibilidade. Por isso há hoje tão poucos santos, porque há tão pouca fé. Não é possível fé viva sem obras, e estas obras fazem os santos. A fé morta ou apagada é infecunda, nada produz; faltando-nos esta luz sobrenatural, só nos resta uma débil candeiazinha de luz natural, que imediatamente apaga o vento das paixões; e, ainda que não a apague, que nos poderá descobrir? Pouco ou nada, porque alcança muito pouco. Quando os objetos se olham a más luzes, nunca se representam como são; alguns olhados desta maneira arrebatam os olhos; mas os ofendem e os retraem quando se olham a boas luzes. Que precipícios não podemos temer se nos governamos só por esta guia? Sendo tão frequentes os exemplares, causa admiração que sejam tão raras as lições aprendidas. Que quedas tão funestas! Que tropeços! Que fim tão triste o de tantos grandes engenhos! Apagou-se neles a luz da fé e desbarrou aquele grande entendimento; esforçou-se a razão a sustentá-lo por algum tempo com frívolas esperanças, mas não o pôde voltar a endireitar; acudiram como auxiliares a política e o interesse; pôs o orgulho em movimento todos os seus expedientes e artifícios; mas nada bastou para que por fim não se despenhasse. Como eram tão limitadas suas luzes, não lhe puderam descobrir todos os precipícios; desvaneceram-se todos os seus vãos projetos e saíram-lhe errados todos os seus superficiais discursos; desconcertaram-se-lhe todas as medidas. Por pouco que se nos esconda a luz da fé, por pouco que nos apartemos desta guia, não há que esperar mais que erros, extravagâncias e desbarros.

Não é menos necessária a aprazibilidade para ser santo. É esta virtude o primeiro fruto da sujeição das paixões e sobretudo da cristã humildade. O espírito de Deus só inspira severidade consigo mesmo; e a compaixão é como sua querida virtude. O zelo duro e amargo é efeito de um espírito orgulhoso e de um coração imortificado. Mas não confundamos a benignidade cristã com a viciosa relaxação. O mesmo Jesus Cristo nos deu bem a conhecer a diferença. A doçura é fruto natural da caridade; mas não é incompatível com a magnanimidade nem com a fortaleza; sendo o espírito de Deus o que a produz e a fomenta, o zelo mais doce é o que persegue o vício com maior vigor e o que lhe faz mais crua guerra; mas, como ao mesmo tempo é zelo discreto, faz grande distinção entre o pecado e o pecador.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus.

Mateus 5,43-48

> **Latim:** [43] Audistis quia dictum est : Diliges proximum tuum, et odio habebis inimicum tuum. [44] Ego autem dico vobis : diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos, et orate pro persequentibus et calumniantibus vos : [45] ut sitis filii Patris vestri, qui in cælis est : qui solem suum oriri facit super bonos et malos : et pluit super justos et injustos. [46] Si enim diligitis eos qui vos diligunt, quam mercedem habebitis ? nonne et publicani hoc faciunt ? [47] Et si salutaveritis fratres vestros tantum, quid amplius facitis ? nonne et ethnici hoc faciunt ? [48] Estote ergo vos perfecti, sicut et Pater vester cælestis perfectus est.

Português: [43] Tendes ouvido que foi dito: Amarás ao teu proximo, e aborrecerás a teu inimigo. [44] Mas eu vos digo: Amaí a vossos inimigos, fazei bem aos que vos tem odio: e orai pelos que vos perseguem, e calumnião: [45] para serdes filhos de vosso Pai, que está nos ceos: o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maós: e vir chuva sobre justos e injustos. [46] Porque se vós não amais se não os que vos amão, que recompensa haveréis de ter? não fazem os publicanos tambem o mesmo? [47] E se vós saudardes sómente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? não fazem tambem assim os Gentios? [48] Sede vós logo perfeitos, como tambem vosso Pai celestial he perfeito.

Meditação

Do perdão das injúrias

Primeiro ponto

Considera que o perdão das injúrias é talvez o mandamento de Jesus Cristo mais claro e mais formal que se encontra no Evangelho. Não chegou a tanto toda a perfeição da lei antiga; mas a nova fez deste preceito o ponto capital de sua doutrina. «A antiga só vos obrigava a amar os que vos amam — dizia o Salvador do mundo —; mas eu vos digo que ameis os que vos aborrecem.» E não basta desejar-lhes todo o bem; é preciso fazer-lho. O amor puramente afetivo não é suficiente para encher toda a perfeição deste preceito; é preciso acreditar com as obras que se ama os inimigos. Quando não se lhes possam fazer obséquios e benefícios, ajudem-se com orações; supram os desejos o que falta ao poder e à pobreza. O preceito é verdadeiramente singular; mas é do mesmo Jesus Cristo: *Eu vos digo, amai vossos inimigos.* É verdade que é de muita perfeição este preceito; mas também quer Jesus Cristo que sejamos perfeitos como nosso Pai celestial. Parece mandamento bem difícil; mas a graça do Redentor tudo faz fácil. Somente a religião cristã pede esta heroica magnanimidade; por ela só é toda divina; divina em seus dogmas, que só Deus nos pôde revelar; divina em sua doutrina, que só nos pôde ensinar o mesmo Jesus Cristo. Mas compreendemos bem toda a equidade, todas as vantagens e toda a perfeição deste mandamento?

Não há paixão mais injusta que a vingança. É a justiça vindicativa exercício da suprema autoridade. E que autoridade, que jurisdição temos sobre nossos irmãos para fazermos justiça por nós mesmos quando nos ofenderam ou agravaram? E onde se achará lei mais oportuna para conservar a pública tranquilidade? Com muita razão se pode dizer que, quando Deus nos intimou este preceito, atendeu a nosso interesse particular. Ninguém há que não possa temer maior dano de seus inimigos do que seus inimigos podem temer dele. Considerado cada qual em sua pessoa, não é mais que um, e seus inimigos são muitos. Com só este preceito ficam desarmados, e o preceito olha por nossa segurança. Por outra parte, quanto necessitamos nós mesmos de que nos perdoem! Patentes a Deus todos os mistérios de iniquidade, ninguém o pode enganar nem pode enganar-se. *O que não perdoa a seu irmão do mais íntimo de seu coração*, diz o Salvador, *de cordibus vestris*, todos os seus protestos de amor de nada servem. Não é perdoar do íntimo do coração pedir satisfação pelo agravo, não querer tratar com os que nos ofenderam, olhar com indiferença e até com frieza os que nos fizeram algum mau ofício. O preceito, na verdade, é perfeitíssimo; mas afinal é preceito: e como o guardaste tu?

Segundo ponto

Mas não basta perdoar ao inimigo, não basta não desejar-lhe mal; é preciso amá-lo, *diligite*, e é preciso fazer-lhe bem, *benefacite*. Assim o declara Jesus Cristo. De onde se infere que não se cumpre este preceito precisamente com não fazer ao inimigo o dano que facilmente se pudera; é preciso, quando se ofereça a ocasião, servi-lo no que se possa, como se faz com os amigos. É ilusão, é erro contentar-se com dizer: eu não lhe quero mal; não permita Deus que eu me vingue; mas não quero sua comunicação, não quero suas visitas nem concorrer aonde ele concorra; ele em sua casa e eu na minha; não me meto em seus negócios, e outras coisas a este teor. Falemos claro: é isto perdoar ao inimigo do íntimo do coração? É amá-lo? Bom! De modo que não se quer ter comunicação com um amigo; não se quer ir a sua casa; foge-se de concorrer aonde ele concorra; não se pode sofrer sua presença: a este sujeito se lhe perdoou do íntimo do coração? E a este se ama sinceramente? Estás pronto a servi-lo em todas as ocasiões? Fizeste alguma vez reflexão sobre o ridículo e a extravagância desta conduta? Em meio disso, cada dia pedimos a Deus uma e muitas vezes que nos perdoe nossas dívidas como nós perdoamos a nossos devedores; que nos trate a nós como nós tratamos a nossos irmãos. E isto não é pedir a Deus que nos condene? Aproveita-te destas reflexões práticas. Ofenderam-te ou maltrataram-te? Fizeram-te alguma injúria? Pois perdoa, e perdoa de todo o teu coração, esquecendo por amor de Deus a ofensa, o agravo e a afronta. Busca quanto antes esse sujeito, alegra-te de concorrer com ele, fala sempre com estima de sua pessoa, solicita ocasiões de servi-lo e acredita com todos que verdadeiramente o amas. Só procedendo assim se guarda perfeitamente este preceito.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:13 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:13 by Admin